

PIRENEUS: RITUALIDADES FESTIVAS EM PIRENÓPOLIS/GO

Sirlene Alves da Silva

Graduada e Especialista em Biologia. Professora da Rede Estadual de Educação de Goiás. Diretora do Colégio Estadual Comendador Christóvam de Oliveira. E-mail: sirlepiri@hotmail.com



João Guilherme Curado

¹ Doutor em Geografia. Professor da Rede Estadual de Educação de Goiás — Colégio Estadual Comendador Christóvam de Oliveira. Secretaria Municipal de Educação de Pirenópolis. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes e integrante da equipe do Ciranda da Arte. Membro da APLAM e da Comissão Pirenopolina de Folclore. E-mail: joaoguilherme@gmail.com



Pireneus,
Paisagem, Festa,
Rituais

Resumo A Festa dedicada à Santíssima Trindade ocorre em Pirenópolis-Goiás no Morro dos Pireneus e envolve todo um percurso ritualístico que pretendemos esboçar a partir de um “ciclo festivo”, destacando o envolvimento e as paisagens no conjunto da festa que iniciou com a celebração de uma missa em julho de 1927, a partir de uma promessa de Christóvam José de Oliveira e que neste ano de 2016, completa sua 90ª celebração, sendo a festeira uma das netas do fundador da Festa do Morro, como é mais conhecida. O objetivo principal é descrever os momentos festivos e as ritualidades que os envolve por meio de entrevistas e conversas informais, diante da escassez de referências sobre a temática.

PIRENEUS: FESTIVE RITUALS IN PIRENÓPOLIS / GO

Pireneus,
Landscape,
Festival, Rituals.

Abstract: The festival dedicated to the Holy Trinity occurs in Pirenópolis-Goiás on the Pireneus hill and involves a whole ritual path that we intend to sketch from a "festive cycle", highlighting the involvement and landscapes in the festival set that began with the celebration of a Mass on July, 1927 as of a Christovão José de Oliveira's promise which on this year of 2016 completes its 90th celebration, being the woman in charge of the festival one of the granddaughters of the founder of the Hill Festival, as it is mostly known. The main objective is to describe the festive moments and rituals that involves the festival through interviews and informal conversations, given the scarcity of references on the subject.



Envio: 23/07/2017 ◆ Aceite: 01/10/2017

As referências sobre os Pireneus remontam aos documentos de Sesmarias, conforme expos Bertran (2000). Outras indicações aparecem em Cunha Mattos, para quem “Serra dos Pireneos, a mais alta de Goiás: nascem nela o rio Corumbá , o das Almas e outros: as suas ramificações vão para todos os lados; tem picos mui elevados” (1972, p. 61). Oscar Leal já é mais poético ao descrever seus primeiros contatos com os Pireneus: “a lua acabava de substituir o sol, e a terra parecia esmaltada pela projecção de seus raios” (1980, p. 102) e continua:

o cume do pico, formado por enorme pedra apresenta uma plataforma de sessenta pés em quadrado. A vista que se frue d’aquella enorme altura dous mil metros (?) sobre o nivel do mar, causa uma commoção inexplicavel em nossa alma (...) sensações tão agradáveis que só as póde sentir aquella que as têm experimentado (LEAL, 1980, p. 108-9).

Foi neste pico que houve a celebração de uma missa que daria origem a uma festa atualmente quase centenária, a Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus, também conhecida por Festa do Morro. Devido a quase ausência de referências escritas sobre esta manifestação que perdura por gerações, a presente pesquisa se pauta em registros dos anos iniciais dos festejos, que se constituem em alguns poucos e dispersos documentos e mais especificamente em entrevistas, que seguindo a orientação metodológica de Marconi e Lakatos (2010) foram planejadas para que o entrevistados tivesse a “liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (p.180). Optou-se para a não identificação dos entrevistados ou das pessoas que contribuíram mediante conversas informais ao longo da elaboração do texto, devido à recorrência das informações. Assim, os conhecimentos sobre a Festa do Morro, parecem ser uma memória coletiva e não pontuais — o que mereceria a indicação do depoente.

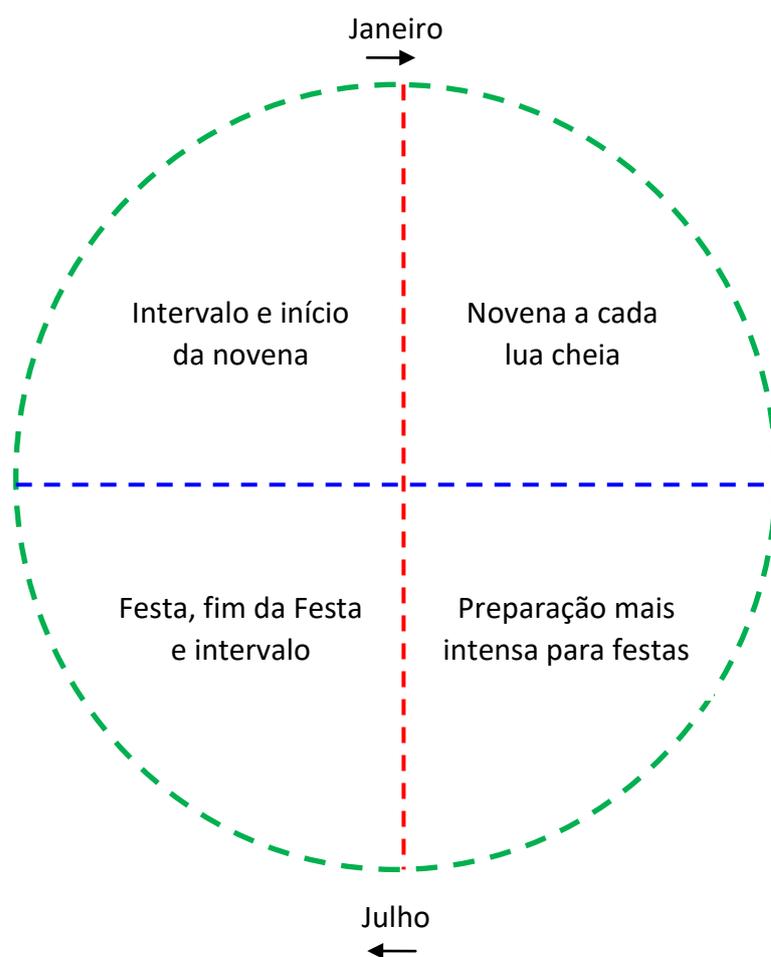
A festa em louvor à Santíssima Trindade realizada na Serra dos Pireneus, localizada a cerca de 20 Km da cidade de Pirenópolis, foi instituída por Christóvam José de Oliveira, personalidade importante à sua época, no referido município (JAYME, 1971). Também conhecida como festa do Morro, desde sua primeira missa ocorrida a 19 de julho de 1927, pelo padre Santiago Uchoa e seguida pelo bispo diocesano daquele período, Dom Emanuel Gomes (JAYME; JAIME, 2002), ela reúne todos os anos no plenilúnio de julho vários grupos de famílias pirenopolinas, dentre outras pessoas das demais regiões vizinhas, para seguir a tradição de rezar e acampar aos pés dos três picos, elevações que contribuem significativamente como importantes simbologias para a criação e a devoção da festa.

Os três picos representam para a comunidade local e para os frequentadores da Festa as três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Esta representatividade reforça o aspecto do espaço sagrado da localidade, um santuário que há quase um século, anualmente, tem em sua direção uma multidão de fiéis que partem em peregrinação.

Avisando compreender a ritualidade festiva nos Pireneus, adotou-se a concepção de Terrin, para quem os ritos possuem o que ele denomina por “Círculos concêntricos” (2004, p. 14), a partir do qual propomos, baseado em Maia (2010), o estudo do “Ciclo festivo” da Festa do Morro.

Esquema 1

Momentos de realização da Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus



Legenda

- Círculo festivo anual da Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus
- - - Divisão ano civil em primeiro e segundo semestres
- - - Divisão aproximada dos períodos das águas e da seca no Cerrado

Denominamos momentos de realização, pelo fato de que a Festa do Morro iniciada como uma adoração à Santíssima Trindade que acontecia no plenilúnio de julho passou recentemente por alterações temporais, com a implantação da Novena em Louvor à Santíssima Trindade, expandindo os festejos da luz cheia de novembro até a Festa, abarcando temporalmente manifestações de devoção em nove meses anuais.

Até pouco tempo era possível visualizar os devotos rumo aos Pireneus em homenagem à Santíssima Trindade basicamente nos meses de ausência de precipitações no Cerrado, quando a poeira fina compunha a paisagem. Era ainda o período compreendido entre as maiores festividades pirenopolinas, como Semana Santa e Festa do Divino (no primeiro semestre) e o aniversário da cidade (segundo semestre), algumas delas ocorrendo em períodos chuvosos.

Com a ampliação temporal novas ritualidades festivas, que muitas vezes coincidem com outras comemorações, dificultando a presença nos nove encontros da novena. Partindo do segundo semestre, já que a novena tem início na lua cheia de novembro, sendo no mês seguinte o período de véspera do Natal. Transpondo o ano civil para o primeiro semestre, janeiro é destinado a férias escolares e muitas pessoas viajam, por coincidir com o período em que o litoral se torna mais atrativo. Em janeiro Folia de Reis, em fevereiro Carnaval; março Semana Santa e maio Festa do Divino.

Antes havia possibilidade de se colher o caju do campo por ocasião da festa, atualmente de se aproveitar e degustar uma maior quantidade de diversidade dos frutos do Cerrado.

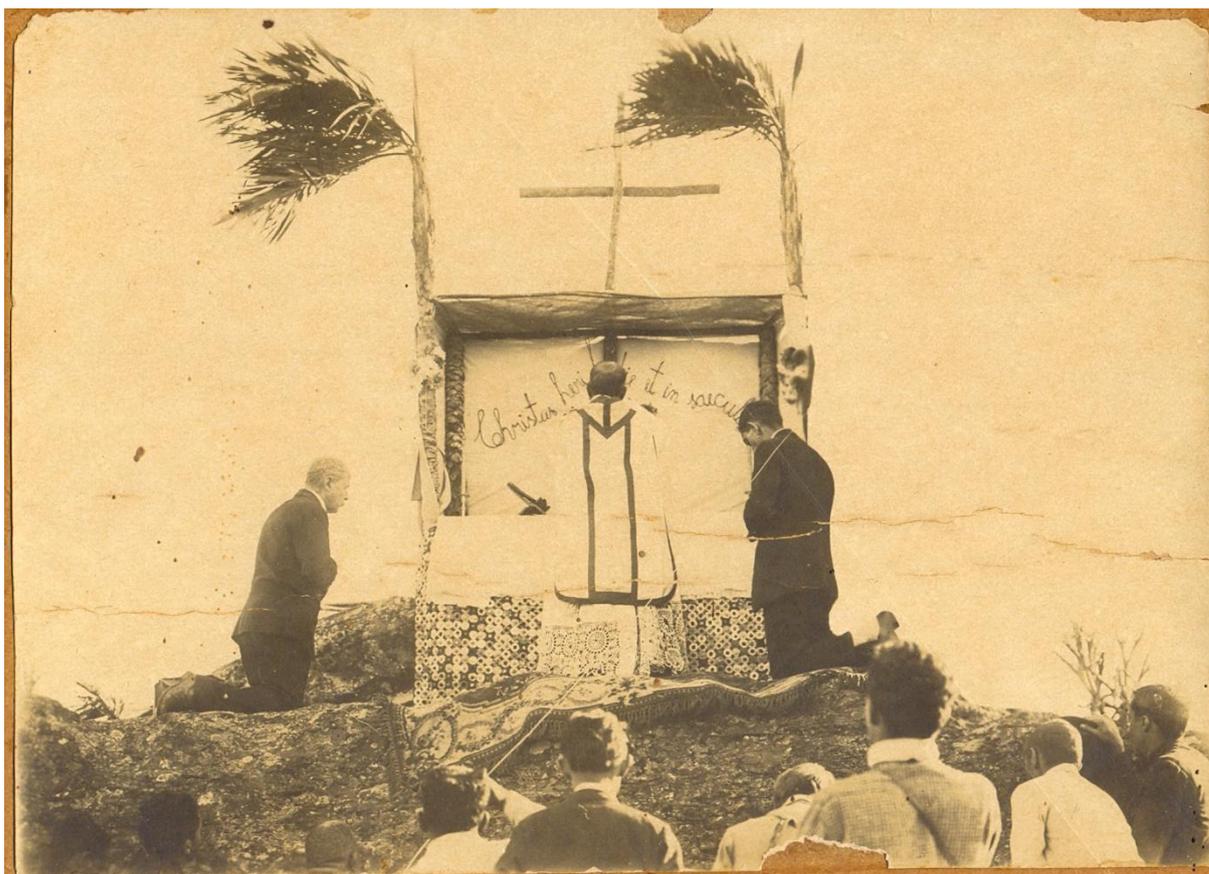
Até mesmo a administração pública tem sido cobrada com mais insistência para manter a estrada em condições de tráfego por boa parte do ano, o que não acontecia, mesmo com pressão de moradores e fazendeiros locais, muitos deles proprietários de atrativos voltados para o turismo, uma importante atividade econômica para o município.

O mês de julho se caracteriza, assim como janeiro, pelas férias escolares, mas não os goianos preferem ficar no próprio estado. Como em Pirenópolis há muitas festas neste período, os pirenopolinos preferem circular pelas festas dos povoados de Caxambu, Capela do Rio do Peixe, Lagolândia e ainda a Festa do Morro.

Ritualidades festivas

Para a primeira missa acontecer nos Pireneus, houve ao que tudo indica muitas negociações, a mais especial deve ter sido tramada com a Igreja, pois um padre era fundamental para o ensejo. Mas havia ainda a necessidade de testemunhas que dessem credibilidade à nova festa que estava sendo “inventada”. Segundo Jayme e Jaime o feito contou com a “assistência de trinta e cinco pessoas” (2002, p. 77), ao nomeá-las possibilita a análise de que se tratava de representantes das mais tradicionais famílias pirenopolinas, conforme estudo genealógico de Jayme (1973).

Figura 1: Fotografia da Primeira Missa nos Pireneus – 19 de julho de 1927



Fonte: Jayme e Jaime, 2002. p. 76.

O deslocamento para a Festa do Morro era comosto de toda uma ritualidade de “desmanchar a casa” e abandoná-la por um breve período, transportando: móveis, acessórios do cotidiano de uma casa, alimentos e instrumentos para prepará-los, assim como roupas e demais objetos necessários para um acampamento onde se passavam dias e até mesmo semana. Tudo era transportado em caminhões, inclusive pessoas que preferiam chegar logo ao destino, evitando, assim, o uso de equinos.

Assim há concordância com a afirmativa de Brandão de que “a festa pode ser considerada como um ritual, quando muito simples, ou como uma configuração interativa de rituais que acontecem ao mesmo tempo ou sequência. O que caracteriza festa é ela ser um evento coletivo de ruptura da rotina da vida cotidiana” (2015, p. 33).

A simplicidade inicial constituída na imagem de um altar improvisado a partir de uma mesa, tendo ao fundo uma cruz também arranjada de última hora, aponta para a singeleza que aos poucos vai sendo alterada. Primeiro com a construção de uma capela de madeira, seguida pela ereção de outra de alvenaria e outra no sopé do morro, para a missa matinal de domingo — o encerramento da festa.

Antes de uma breve alusão às ações desenvolvidas para a realização da Festa devemos lembrar que constituem um conjunto de ritos e

o rito nada mais faz que dar consistência aos ideais sociais, tem uma função agregativa e dá força moral e espiritual, em virtude dessa dinâmica intrínseca pela qual ele tem forte capacidade de agregação simbólica tomada de empréstimo do mundo religioso, cujo estatuto, porém, é só aquele de ser espelho e caixa de ressonância do social (TERRIN, 2004, p. 52).

Destarte, os romeiros da festa em louvor a Santíssima Trindade dos Pireneus, alteraram e continuam a modificar suas atividades diárias para desenvolverem várias outras ligadas a ritualidade da festa em questão. Os rituais da festa atualmente têm início com a reza dos terços que acontecem nas proximidades da lua cheia, por nove meses que antecede o ápice da festa. Momentos seguidos por cânticos e acepipes, acompanhados de boa conversa entre o pôr do sol e o nascer da lua.

Já no mês de julho, na quinta feira anterior o final de semana da lua cheia, os romeiros partem em romaria da igreja do Bonfim e seguem o íngreme percurso até o morro,

alterando a paisagem do Cerrado, ao mesmo tempo em que a contemplam. Assim, compreendemos que

o impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, como locais de culto, apesar de esses mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas se estende à experiências da fé que símbolos e mensagens nos fornecem, alguns inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé (ROSENDAHL, 2010, p. 26).

Fé esta que promove deslocamentos quase sacrificais, mas que possibilitam compreensões acerca da ligação do sagrado com a natureza. Algo complexo de ser apreendido por uma pessoa que não conhece ou que busca entender em detalhes aspectos de uma manifestação da cultura popular, as romarias, por exemplo, são complicadas de serem inteligíveis para quem não comunga da mesma fé, como demonstrou muito bem Steil (1996) ao investigar trajetórias de romeiros.

O “Ciclo festivo” para Maia (2010) é composto por uma série de ações que podem ser classificadas em três fases distintas: preparação, realização e desativação. A primeira consiste em tempos anteriores ao momento da festa em si, a população que ali permanecerá por alguns dias providenciar a limpeza do espaço em que o acampamento será montado, geralmente existe uma divisão simbólica do espaço em que há recorrência das mesmas pessoas a cada ano. Enquanto isso na cidade as compras, de alimentos e de outras necessidades para os acampamentos são providenciadas e tudo o que será levado para os Pireneus passa a ser cuidado.

O andor é limpo e reformado, quando necessário, assim como a imagem da Santíssima Trindade que será carregada em procissão, durante o período de realização, que as dá a partir da tarde de quinta feira que antecede a festa, até os Pireneus. Atualmente os bombeiros e o poder municipal têm colaborado com a instalação provisória de barracas de apoio ao longo do trajeto. O deslocar pela natureza é entendido por muitos como possibilidade de

convergência de forças sobrenaturais (...) a presença de tais forças é perceptível porque manifestada de várias maneiras. Pode ser por meio de uma sensação física de bem-estar, de restauração de energias perdidas, da visão, no local, de uma sinalização de caráter sobrenatural, de um sonho, uma espécie de arrepio que percorre todo o corpo, uma sensação íntima de estar em cotato com outros planos da existência (VILHENA, 2005, p. 107).

Os Pireneus se mostram bastante dinâmico, desde sua geomorfologia a um ecossistema que consegue congrega o social e o religioso diante do ambiente. Ao estudar os Pireneus, o padre e biólogo pirenopolino Josafá Carlos de Siqueira, propõe o seguinte questionamento: “por que a região da Serra dos Pireneus é um ponto de integração entre o social, o ambiental e o religioso?” (2004, p. 41). Segue ele abalizando possíveis caminhos, ao propor

refletir sobre esta questão usando os paradigmas atuais do pensamento ecológico, onde a compreensão do espaço geográfico se dá na integração dos vários processos sociais, geológicos, biológicos, ecossistêmicos e teológicos, todos interagindo num local específico, de tal modo que esse espaço passa a ser uma referência ou um ponto de convergência dinâmico (SIQUEIRA, 2004, p. 41).

É uma das dinâmicas da Festa é o deslocamento para ela, independente se o percurso vai ser transposto em procissão ou conduzido por veículos, mas o que se busca é o estar e para isso há necessidade de adaptações ao se fazer presente nos Pireneus, atualmente uma Área Proteção Ambiental que recebe devotos a partir de momentos que antecedem a quinta feira da chegada da procissão, quando tem início o primeiro dia do tríduo em louvor à Santíssima Trindade, uma sequência de três terços rezados à noite com a lua cheia possibilitando a contemplação das paisagens noturnas dos Pireneus. O tríduo finaliza no sábado com o levantamento do mastro e distribuição de chá com biscoito, para esquentar do frio e alimentar o corpo. Antes do findar do dia é rezada na capela da Santíssima Trindade a primeira missa dos festejos.

No domingo, no período matutino, é rezada na capela de Nossa Senhora da D’Abadia, ao sopé do morro, a segunda e última missa, após a qual acontece a indicação do próximo festeiro que é aquela pessoa que cuidará para que todas as ritualidades festivas ocorram. Em alguns anos é servido um almoço aos presentes, que logo em seguida “descem” o morro, uma alusão ao deixar para trás aquelas paisagens meditativas propiciadas pelas ritualidades festivas e voltar para os afazeres da rotina, constituindo assim a terceira etapa proposta por Maia (2010), a desativação. No caso, o desmanche dos acampamentos, a retirada do lixo e a partida dos grupos familiares rumo a suas residências.

A Família Oliveira e a Festa

A Família Oliveira, segundo o historiador e genealogista Jarba Jayme, provém “da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, bispado do Porto” (1973, p. 259). O patriarca Luiz Antônio de Oliveira teria vindo, ainda de acordo com o referido autor, “atraído pela fama das Minas de n. S. do Rosário de Meia Ponte”. Teve grande descendência, em especial a partir do tronco de seu primogênito, Capitão Antônio Joaquim de Oliveira, de quem Cristovam José de Oliveira foi neto.

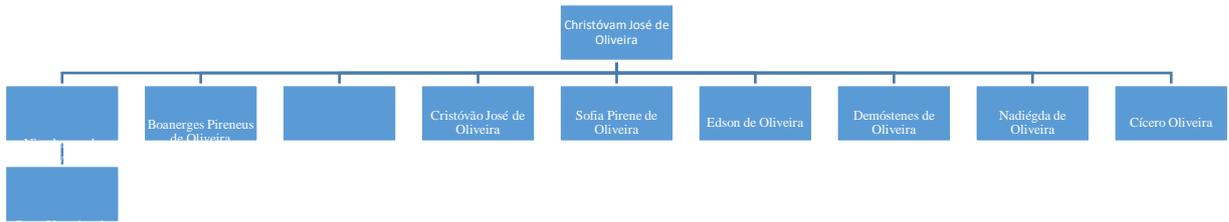
Christóvam foi bastante atuante em sua época, chegou a ser intendente, fabriqueiro da Igreja, dentre outras funções. Foi também o criador da Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus, que inicialmente não tinha um festeiro determinado, cabendo a ele, por anos, a condução das festividades, contando com apoio do padre Santiago Uchôa e do bispo, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, que era seu amigo pessoal e chegou a cogitar a instalação de um santuário nos Pireneus.

Classifica-se como santuário as igrejas ou outros lugares sagrados, sempre que neles concorram dois requisitos expressamente previstos em termos jurídico-canônicos: o fato de a eles acorrerem multidões de fiéis em peregrinação e o de serem objeto de aprovação por parte do respectivo bispo diocesano (ROSENDAHL; CORRÊA, 2008, p. 80).

No entanto, a proposta de Santuário não seguiu adiante, mesmo contando quase sempre com a presença do bispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira a cada Festa do Morro. A família de Christovam de Oliveira coordenou a festa durante muito tempo e só depois do falecimento do patriarca que a festa passou a contar com festeiros de outras famílias.

Em 2016, ao comemorar a 90ª edição, a festeira é Oona Yasmina de Oliveira Gomes, filha de Nicodemos de Oliveira, primogênito de Christóvam, como pode ser observado no esquema abaixo, no qual só consideramos apenas os descendentes imediatos de Christóvam e uma neta, a que realizará a Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus, neste ano.

Esquema 2: Fragmentos genealógicos de Christóvam José de Oliveira



Fonte: adaptado de Jayme (1973, pp. 263-265).

Os preparativos para a Festa do Morro vêm sendo discutidos a cada encontro para a novena, que acontece mensalmente, a cada lua cheia. Mas outros cuidados também estão sendo providenciados, como por exemplo, a iniciativa de resgate histórico da festividade, facilitado pelas relações de pertença familiar e que muito pode contribuir para a compreensão da ritualidade festiva devocional que ocorre nos Pireneus, uma vez que o ritual “é um *primum* que só pode ser percebido no contexto da vivência, das situações, dos comportamentos fundamentais e óbvios do viver; faz parte do mundo das obviedades, o que torna mais difícil a sua leitura, mas é anterior a qualquer leitura interpretativa” (TERRIN, 2004, p. 161).

Figura 2: Cartaz da programação da novena e Festa dos Pireneus



Fonte: Divulgação da Festa

Os relatos advindos de entrevistas e buscas documentais sobre a Festa do Morro têm sido fortalecidos pelo envolvimento da neta festeira do festeiro maior, Christóvam José de Oliveira.

Considerações Finais

Diante das investigações sobre a Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus nos deparamos com inúmeras possibilidades de estudos sobre esta manifestação que envolve muito mais que religiosidade e contemplações da natureza, compondo-se de uma gama de abordagens a serem exploradas.

Propusemos aqui algumas investigações das paisagens festivas dos Pireneus, baseadas nas propostas apontadas por Maia (2010), no que tange ao “Ciclo festivo”, assim como as etapas de preparação, realização e desativação da Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus.

Entendemos que dentro deste ciclo, as relações familiares se estabeleceram ao longo do tempo, e por isso pontuamos o *continuum* da Família Oliveira, presente ou a frente desta manifestação que atrai um público significativo durante os dias da novena e em especial durante o plenilúnio de julho.

Referências

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem do Planalto Central: eco-história do Distrito Federal – do indígena ao colonizador*. Brasília: Verano, 2000. 322p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De um lado do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam. In: OLIVEIRA, Maria de Fátima [et al]. *Festas, religiosidades e saberes do Cerrado*. Anápolis: Ed. UEG, 2015. pp25-72.

CUNHA MATTOS, Raymundo José da. *Chorographia histórica da província de Goyaz*. Goiânia, Sudeco/Secretaria do Planejamento e Coordenação, 1972. 185p.

JAYME, Jarbas. *Esboço Histórico de Pirenópolis*. Goiânia: UFG, 1971. 624p.

_____. *Famílias Pirenopolinas*. Goiânia: UFG, 1973. Vol II. 393p.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sisenando. *Casas de Pirenópolis: Casas dos Homens*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002. 196p.

LEAL, Oscar. *Viagem as terras goyanas (Brazil Central)*. Goiânia: UFG, 1980. 255p. (Col. Documentos Goianos, n. 04).

MAIA, Carlos Eduardo Santos. *Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional*. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. 300 f. (Doutorado em Geografia).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297p.

ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Espaço e cultura: pluralidade Temática*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. 296p.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Pirenópolis: identidade territorial e biodiversidade*. Rio de Janeiro: Loyola, 2004. 79p.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: 1996.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo, Paulus, 2004. 448p.

VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005. 159p.

